

Nos Bastidores*

Flávio Meireles,[†] Dilermando Vasconcelos,[‡] Caroline Soares,[§]
Katherine Vasconcelos,[¶] Victor Lopes^{||} & Netília Seixas^{**}

Índice

Introdução	1
1 Objetivo	2
2 Justificativa	3
3 Métodos e Técnicas Utilizados	4
4 Descrição do Produto ou Processo	5
Considerações	6
Referências Bibliográficas	6

Resumo

*Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção de Jornalismo Interpretativo.

[†]Aluno líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Pará, email: flaviolpm@gmail.com.

[‡]Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Pará, email: dilermandogadelha@hotmail.com.

[§]Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Pará, email: csaraujol@gmail.com.

[¶]Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Pará, email: kahtyvasconcelos@hotmail.com.

^{||}Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Pará, email: victorlopes90@hotmail.com.

^{**}Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Pará, email: netiliaseixas@gmail.com.

Se fazer um programa de rádio já é difícil para um profissional da área, imagine como é para um estudante de jornalismo que ainda está se familiarizando com a linguagem do veículo. É com a intenção de retratar os bastidores da preparação de um produto radiofônico, feito por quem ainda está na academia, que o *Nos Bastidores* foi criado. Com resgate de características que se assemelham as de uma radionovela, bem como a utilização processual de metalinguagem, o programa pretende mostrar, aos interessados no mundo da radiodifusão, que nem sempre produzir uma peça radiofônica é tão fácil quanto ouvi-la. Além disso, de maneira paralela, o programa se propõe a discutir temáticas relacionadas à identidade do povo paraense.

Palavras-chave: Radionovela, Metalinguagem, Identidade Paraense, Experimentação, Laboratório de Radiojornalismo.

Introdução

*I*nternet, televisão digital, *twitter*, *blogs*, tudo cabendo na palma da mão, nos celulares, *tablets* e outros dispositivos tecnológicos que desafiam a imaginação de muitos daqueles nascidos e crescidos no século XX. Todas essas plataformas e novas mídias surgidas na Pós-modernidade são muito sedutoras, é verdade, mas, em contraponto, de-

mandam um aparato técnico que nem sempre está à disposição de todas as pessoas, de todas as classes sociais e em todos os lugares do mundo.

É nesse contexto que uma velha pergunta vem à tona: *O surgimento de novos veículos de comunicação pressupõe o desaparecimentos dos outros, mais antigos?* A resposta é categórica: *Não*. Um bom exemplo é o rádio. O veículo surgiu no Brasil na primeira metade do século XX e, ao longo de sua trajetória, estabeleceu-se como um dos mais importantes do país por uma série de motivos, como explica Barbosa Filho:

O rádio, pelas suas características: adentramento, intimidade (fala ao indivíduo), regionalismo, imediatismo, mobilidade, acessibilidade, custo barato, função social e comunitária, continua sendo um poderoso meio de comunicação de massa. (Barbosa Filho, 2003: 18).

Além do imediatismo, outra característica que transformou o rádio em um enorme sucesso foi a sua capacidade de abrangência. Diferente da televisão, que custa caro se comparada com um aparelho de radiodifusão, e do jornal impresso, que pressupõe a alfabetização dos leitores, o rádio pode ser escutado por qualquer um, em quase qualquer situação e nos mais recônditos lugares do globo, já que a difusão é feita por meio de ondas eletromagnéticas que, dependendo da amplitude, podem chegar a muitos quilômetros de distância.

É por esse motivo que qualquer produto radiofônico tem sua devida importância. E, quando se trata de produções dentro de Instituições de Ensino, a liberdade para se pen-

sar em algo inovador, explorando novos temas e formatos, é significativa. Foi assim, aproveitando a oportunidade do Laboratório de Radiojornalismo realizado em 2010, que a turma de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará se empenhou em criar um produto que pudesse fugir do comum, mas que, ainda assim, não deixasse de lado o compromisso social, que é a base do jornalismo.

Com a crença de que o veículo deveria ser explorado ao máximo, tentamos reunir entretenimento e informação na busca de um formato ideal para o programa. A partir disso chegamos ao grande desafio: fazer um programa radiofônico longe de clichês e que pudesse ter o caráter informativo, além de mostrar a importância deste meio de comunicação.

Para fugir da mesmice, decidimos, então, que o teor informativo do programa não estaria pautado somente na emissão de informação, como é comum vermos em noticiosos radiofônicos. Desse modo, utilizamos o conceito que Luiz Beltrão (1976: 48) chamava, antes, de jornalismo intensivo. Prática a qual seria exercida “à base de reflexão, cujos temas e matérias são selecionados e as informações transmitidas de modo mais completo possível em profundidade, desde que se trate de estabelecer e expor o problema criado pelo fato (...)”. O alicerce desse conceito serviu para formar o que, hoje, o próprio autor define como jornalismo interpretativo. É nessa vertente que se centrou o nosso trabalho.

1 Objetivo

O principal objetivo do programa *Nos Bastidores* é evidenciar como se constitui a pro-

dução de um programa de rádio a partir do ponto de vista de estudantes de jornalismo, que passavam pelo processo de aprendizagem da linguagem radiofônica no momento da concepção do produto.

Além disso, o programa tem a finalidade de mostrar as etapas de estruturação de uma peça, desde a elaboração de um projeto até a transformação deste em um produto radiofônico. A escolha dos formatos; elaboração de roteiros e pautas; temáticas abordadas; gravação de matérias; entrevistas; até as questões de impostação vocal e postura são pontos essenciais no programa, que contribuem para uma compreensão do todo do fazer jornalístico no rádio. Por não focar somente em questões técnicas, outro ponto central do projeto foi explicitar as angústias e limitações dos alunos na aprendizagem do jornalismo, destacando, assim, as dificuldades encontradas em um primeiro contato com a produção para este meio de comunicação.

Como pano de fundo e para possibilitar a realização dos nossos objetivos, o programa também propõe, ainda que de maneira secundária – mas nem por isso menos importante –, discutir os conceitos acerca da identidade paraense, enfatizando a culinária, a arquitetura, a música, a moda e a religião no Estado.

2 Justificativa

Produzir um programa de rádio não é tão fácil quanto ouvi-lo. Isso só tende a se intensificar quando estudantes e profissionais não se adaptam tão facilmente aos rigores, sejam eles linguísticos ou estruturais, de programas radiofônicos. Como já foi dito, tão diferente quanto o poder de alcance da radiodifusão em relação às outras mídias, a linguagem utilizada também se constitui, algumas vezes,

como um problema, apesar de sua aparente simplicidade.

Entender a dinâmica da linguagem radiofônica, como a utilização de palavras simples e de fácil entendimento, priorizar períodos curtos e a ordem direta nas frases, foi um dos fatores mais inquietantes, para os alunos, surgido logo no início da disciplina. Se a ideia era mostrar às pessoas como funcionam as técnicas radiofônicas, por que não podemos abordar a própria produção de um programa de rádio como tema de um programa para o rádio? É com essa premissa que o *Nos Bastidores* foi feito, e é a isso que ele se propõe.

Sendo assim, enquanto os alunos se propunham a ensinar e informar aos ouvintes, eles também aprendiam com o próprio processo de produção do programa, já que este se constituía como subsídio para a compreensão do mundo radiofônico, no campo pragmático.

Como a proposta era retratar a realidade vivida pelos estudantes, foi preciso criar um programa fictício, o qual pudesse dar suporte à ideia de ‘bastidor’. Assim, foi criado o Identifique-se, programa radiojornalístico que retrata a identidade paraense por meio de uma série de matérias.

A escolha do assunto se deu porque o tema identidade não produz somente intensos debates no meio acadêmico e filosófico, mas também está relacionado às dinâmicas intersubjetivas dos sujeitos contemporâneos. O professor da Faculdade de Comunicação da UFPA, Fábio Castro, acredita, por exemplo, que há um “desejo de ser” da identidade amazônica. Para o autor, a identidade na região é “uma bricolagem coletiva, uma invenção ou imaginação, cujos processos, dispersos no corpo social, podem aqui ser cha-

mados de intersubjetividade” (Castro, 2010: 46). Essa invenção de uma identidade ocorre pelo desejo de alguns agentes sociais – a *intelligentsia* paraense, por exemplo – de resgatar uma coesão social, reencantar o espaço (Castro, 2010).

A importância de tratar esse tema está ligada, também, à garantia de visibilidade para uma questão presente na cultura das sociedades atuais e por buscar respostas que expliquem o fenômeno no seu âmago: as pessoas e as relações que elas estabelecem com suas origens, seus gostos e sua cultura.

Uma tendência mundial observada é a perda das identidades originais e a formação de comunidades por afinidade. Como fala Paes Loureiro¹, “é mais fácil para um grupo de reggae aqui na Amazônia se identificar com outro grupo de reggae lá nos Estados Unidos, por exemplo, do que com outros grupos daqui”. Dessa forma, diferentemente das dinâmicas do passado, em que as identidades eram determinadas pela força social e pelo nascimento, na atualidade os indivíduos, por livre escolha, se aproximam por afinidades culturais e identificam-se entre si como parte de um grupo ou comunidade.

3 Métodos e Técnicas Utilizados

Nos Bastidores é um programa radiofônico que utiliza as características do gênero radionovela. O gênero foi criado em 1930 nos Estados Unidos, e trazido para as rádios brasileiras pela primeira vez em 1941, com “Em Busca da Felicidade”. A boa aceitação do

¹Loureiro, João de Jesus Paes. O que é identidade? Pará: 2010. Nos Bastidores, Pará, nº 1, out. 2010. Entrevista concedida a Caroline Soares de Araújo.

formato foi o que fez utilizarmos suas características, levando em consideração o alto nível de identificação do ouvinte com a história.

Geralmente, nas radionovelas, são criados personagens com as mais diversas caracterizações, sotaques, vozes, mas que compartilham de uma *universalidade* de valores, crenças e nuances de personalidade. Ouvir algo com o qual podemos nos identificar, conseguir ver nós mesmos em uma determinada situação, constrói um vínculo com a obra e mais ainda, em nível de audiência, com o programa. Como diz Robert Mcleish:

Uma história pode oferecer a estrutura para a compreensão – ou pelo menos para a interpretação – dos eventos da vida. Em geral funciona como um espelho em que podemos ver a nós mesmos – nossas ações, motivos e defeitos. As consequências e resultados podem contribuir para o nosso próprio aprendizado. (Mcleish, 2001: 179)

E se nessa perspectiva, pudermos inserir uma temática mais complexa em um ambiente já facilitado pelo nível de identificação com a história, tanto melhor. Reflexão e entretenimento, então, caminham lado a lado nesse processo, e tornam o que poderia ser tedioso em algo lúdico, porém sem deixar discussões importantes de lado.

Abordar temas complexos, como *identidade* e produção radiofônica, no próprio rádio, facilmente poderia cair na discussão maçante, e assim, dar margem à dispersão do assunto. Dessa maneira, a forma lúdica de tratar os assuntos, característica da radionovela, foi a estratégia encontrada pelos alunos

para tratar desses temas de um modo diferenciado e que pudesse chamar a atenção do ouvinte para a importância da mensagem a partir de uma perspectiva de entretenimento.

O programa é a reconstituição da rotina de alunos de jornalismo construindo um rádio-jornal chamado *identifique-se*, assim, ele se baseia na metalinguagem, ou seja, é “um sistema cujo plano do conteúdo é, ele próprio, constituído por um sistema de significação; ou ainda, é uma semiótica da semiótica” (Barthes, 1964: 96). Em outras palavras, metalinguagem é quando uma dada linguagem, no caso a radiofônica, tem nela mesma o seu objeto de pesquisa.

Esse se constitui como um dos grandes diferenciais do projeto, já que existem poucos programas, em qualquer dos veículos de comunicação, que tenham o próprio meio como tema central. Na principal rede de televisão aberta do Brasil, a Rede Globo, por exemplo, só existe um programa do gênero, chamado Profissão Repórter.

A metalinguagem foi usada porque *Nos Bastidores* objetiva ser um manual sobre o fazer jornalístico no rádio, além de ser um documento histórico do Laboratório de Rádio-jornalismo da turma 2009/10 da UFPA.

4 Descrição do Produto ou Processo

O processo de construção do programa foi demorado, visto que para chegar ao formato final foram necessárias várias reuniões. Duas grandes propostas foram motivos de debates e discussão. A primeira, era um projeto de radionovela, que lembrasse os padrões mexicanos televisivos; a outra, era um

programa temático no qual envolvesse assuntos relacionados à identidade.

Depois de muita conversa, e como objetivo central definido, chegou-se a seguinte conclusão: utilizar o que havia de mais pertinente em cada proposta. Desse modo, a narrativa de *Nos Bastidores* seguiu a ordem de etapas de produção de um programa de rádio, como qualquer outro: concepção do programa, reunião de pauta, produção de reportagens, edição e finalização.

Como já foi dito, *Nos Bastidores* simula a produção do programa rádio-jornalístico *Identifique-se*, o qual tem cinco matérias que tratam sobre as várias vertentes que formam a identidade do paraense. O processo de construção das matérias foi todo reproduzido, desde a pauta, até a gravação dos *offs* dos repórteres, as dicas que recebiam da professora para melhorar a locução, a seleção das deixas iniciais e finais da entrevista que iria entrar na matéria e a reportagem finalizada.

A trilha sonora também foi de grande importância para o programa, já que alguns sons eram essenciais para que os ouvintes pudessem entender o que estava acontecendo, bem como situar o ambiente onde os alunos, teoricamente, estavam. Barulhos de cadeira, de teclas de computador, áudio ‘abafado’ para dar idéia de ‘pensamento alto’ foram alguns dos artifícios utilizados.

Assim como em toda etapa do *Nos Bastidores*, a finalização do programa foi inovadora. A ficha técnica, por exemplo, não foi gravada nos moldes característicos, com a descrição da função e do nome da pessoa que a ocupa. Os créditos foram postos em forma de uma conversa informal, o que outra vez estava de acordo com as vivências da turma.

Como a metalinguagem é o alicerce do programa, falar da descrição do produto é, em parte, falar da descrição do processo também. Isso porque, em tese, o que acontecia verdadeiramente, ora na sala de aula, ora no estúdio de gravação, era retratado durante o programa. Casos como o da aluna Bianca Leão, a qual perdeu o áudio da entrevista e, por pouco, não teve sua matéria descartada, formam um conjunto de exemplos reais e que constam no conteúdo de *Nos Bastidores*, justamente para dar veracidade à história e mostrar aos ouvintes que a produção radiofônica é um processo trabalhoso, de equipe e que imprevistos acontecem ao longo do caminho.

Considerações

Nos Bastidores possibilitou uma experiência diferenciada para os alunos por trabalhar com gêneros diferentes inseridos em um mesmo produto: um programa de rádio. Os estudantes tiveram contato simultâneo tanto com as lógicas de produção de uma radionovela, que exige a elaboração de uma narrativa, como as de um radiojornal, que exige reunião de pautas, entrevistas etc.

Além disso, foi possível criar no programa um aspecto educativo, ao mostrar como se faz um programa de rádio, mas sem cair nos clichês excessivamente pedagógicos. Sutilmente o ouvinte é familiarizado com a rotina de produção de um programa de rádio, em um processo de aprendizado semelhante ao que os próprios estudantes vivenciaram e, posteriormente, simularam.

A relação estabelecida entre o emissor e o receptor não é vertical, mas horizontal, já que todos estão na mesma posição de aprendizes. Os ganhos foram tanto para aque-

les que produziram o programa, quanto para aqueles com pouco conhecimento que escutam.

Apesar das dificuldades decorrentes da pouca experiência dos alunos e das limitações próprias do rádio, Nos Bastidores mostrou, por fim, que ainda é possível inovar em um gênero atualmente em extinção nas emissoras de rádio brasileiras.

Referências Bibliográficas

- Barbosa Filho, A. (2003). *Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em Áudio*. São Paulo: Paulinas.
- Barthes, R. (1985). *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix.
- Beltrão, L. (1976). *Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina.
- Castro, F. (2010). “A Encenação das Identidades na Amazônia Contemporânea”, in: Castro, F.; Amaral Filho, O. & Seixas, N. (orgs.), *et al, Pesquisa em Comunicação na Amazônia*, Belém: Fadesp, p 46-65.
- Loureiro, J. (2010). *O Que é Identidade?*. Belém: Nos Bastidores, nº 1, 21 de Outubro de 2010. Entrevista concedida a Pedro Henrique Thomaz Maia.
- Mcleish, R. (2011). *Produção de Rádio: Um Guia Abrangente de Produção Radiofônica*. São Paulo: Summus.